

E D U C A Ç Ã O K U L I N A

Neste artigo sobre educação, apresento algumas características sobre a vida do povo Kulina. Este povo vive espalhado em várias aldeias nos Estados do Acre e sul do Amazonas. Desde 1980, a IECLB iniciou um trabalho junto ao grupo Kulina nos enviando para a aldeia de Maronaua, no alto Purus, Acre, onde estamos trabalhando até o momento. Devido à exigüidade de espaço, não poderei deter-me no nosso trabalho pedagógico especificamente. Isso fica para outra oportunidade.

1. EXPERIMENTAÇÃO E REPETIÇÃO

Toda a vida da sociedade Kulina é marcada pela divisão das atividades por sexo e isso se reflete na educação dos elementos do grupo. Com exceção dos primeiros anos de vida da criança, onde independente de sexo, a criança permanece mais com a mãe que com o pai, no restante das etapas de vida os meninos acompanham o pai (ou o tio) e as meninas acompanham a mãe (ou a tia) vendo e repetindo as atividades desenvolvidas. A educação se dá, pois, pela experimentação prática e pela repetição. A menina logo recebe um cesto pequeno para carregar a sua macaxeira, sua banana ou outro produto da roça ou do mato, de modo que enquanto está brincando ajuda a mãe. Ela vai com a mãe buscar lenha e traz alguns gravetos também. Faz seu foguinho e cozinha a sua comidinha com as outras crianças. Já com 8/9 anos começa a tecer seu algodão com um fuso construído por ela com a ajuda da mãe ou outra mulher mais velha. Da mesma maneira, começa a moldar pequenas cerâmicas de barro com a mãe. As coisas vão evoluindo de tal maneira que já na adolescência usa moço consegue realizar satisfatoriamente todas as atividades destinadas a uma mulher adulta, inclusive o cuidado de crianças, pois ela ajuda a cuidar dos irmãos (ãs) mais novos e sobrinhos (as) desde cedo.

Quanto ao menino, já com ca. de 3 anos recebe do pai um arco e flecha adequados ao seu tamanho e vai treinando montaria flechando calangos e outros animais domésticos que lhe apareçam pela frente. Um pouco maiores, já acompanham a família para os igapós onde rea-

~~de chegar a adolescência, um bo-~~
lizam no verão, período em que as águas secam, uma pescaria aproveitando os peixes que ficam presos em pequenas poças d'água de onde podem ser pegos com a mão, arpoados ou flechados. Ganham logo um pequeno remo para aprenderem a remar (o que também pode ser feito pelas meninas). Dos 10 anos em diante já podem esporadicamente acompanhar o pai nas caçadas verdadeiras, especialmente nas caçadas coletivas. Os meninos também começam a construir pequenas casinhas para a brincadeira das crianças chamada 'sposoque', que significa literalmente 'arrastar (a rede)', pois o centro da moradia do Kulina é a rede. Sempre que ela viaja, ele carrega junto com os instrumentos de trabalho, a rede. É na rede que acontecem as fases mais importantes da vida das pessoas. O nascimento, o casamento e, antigamente, a morte, uma vez que eram enterrados enrolados em sua rede. Hoje, a lã da rede, o morto é colocado num caixão de madeira.

Ao chegar a adolescência, um bom rapaz Kulina deve saber caçar, pescar, fazer roçado e construir casa (além de saber fazer e conservar todos os instrumentos que estes trabalhos exigem), atividades imprescindíveis para poder constituir família. Logo, mesmo que ele fique morando por alguns anos com o sogro, como é praxe. Ele ficará, então, auxiliando o sogro nestas atividades até que tenha uma família extensa que exija que ele construa casa e plante roçado próprios.

2. A QUESTÃO DA REPRESSÃO E DA COMPETIÇÃO

Na educação Kulina, a repressão é quase inexistente, a não ser em casos muito graves. Isto é importante de assinalar em comparação com a sociedade capitalista, altamente repressiva, onde os pais batem nas crianças, o marido bate na mulher e onde os órgãos de segurança do Estado torturam os que se opõem ao regime vigente. Entre os Kulina, é raro ver os pais batendo em crianças. Também em briga de criança, os pais só interferem caso haja desigualdade de idade e de força entre elas. Eles incentivam o 'mamaco' (revanche troco ou pagamento, em português). Quem recebe deve dar

de volta. Em casos graves, a maneira dos pais corrigirem é com urtiga, ameaçada pelos rapazes que, apesar de usado frequentemente nas brincadeiras entre os sexos, é muito temida pelas crianças. Se uma criança, por exemplo, está fazendo manha à toa, é só falar em urtiga que ela já pára de chorar.

A repressão também é rara seja dos adultos entre si (chefe x comunidade), seja dos adultos em relação às crianças. O chefe não tem poder de mando repressivo sobre a comunidade. A sua autoridade só é aceita e respeitada enquanto preenche as necessidades e os interesses do grupo. Apesar de haver regras sociais de convivência, se respeita a individualidade de cada pessoa. Por exemplo, a punição para o crime de homicídio normalmente é a vingança dos parentes próximos do morto contra o criminoso. Mas quando isto não ocorre, o indivíduo é marginalizado pelo grupo. Ele é considerado como um "impuro". Não pode comer com os outros, não pode participar das atividades coletivas, se coçar ou ele cozinhar e come sozinho, ou dá a caça e não lhe é permitido provar dela. Esta penalidade dura um certo tempo até que o grupo considere expiada a culpa. É a legítima punição em liberdade.

Na vida Kulina não se observa a competição como na nossa sociedade. O modelo do melhor ou pior é a própria capacidade de realizar as coisas. Cada pessoa tenta se ultrapassar a si próprio. Dar o melhor de si indiferente da qualidade ou capacidade do outro. No caso do futebol, por exemplo, incorporado recentemente à cultura Kulina, o interessante é fazer uma quantidade enorme de gols, tanto faz de qual dos lados.

O roubo e a preguiça não são considerados defeitos maiores. Defeito mesmo é ser sovina. O roubo é uma forma de impedir que a pessoa seja sovina, isto é, visa impedir a acumulação. A pessoa que tem mais do que precisa para si mesmo, deve distribuir sob pena de a distribuição ser feita pelos outros. No primeiro caso, isto traz prestígio à pessoa que distribuiu, no segundo lhe traz vergonha. Isto é assim de tal maneira que os Kulina se envergonham de dizer que foram roubados, pois esta é a prova de que estavam sovinando. Quando muito, se lamentam, sem maiores conseqüências.

Sobre o que chamamos de preguiça. Os Kulina se dão e respeitam nos outros a liberdade no que se relaciona ao trabalho. Ninguém consegue obrigar ninguém a trabalhar contra a sua vontade. Curioso é que a expressão "ficar em casa" e "ter preguiça" não articuladas por uma só palavra "ibo". Se a pessoa não quiser ir, não vai. No entanto, a sociedade criou mecanismos de incentivar as pessoas a realizarem tarefas de interesse comunitário. Como é o caso de um cerimonial de atividade coletiva denominado "dossehe" (o mando). As pessoas de um sexo mandam as pessoas do outro sexo realizarem determinada atividade coletivamente (caça, pesca, coleta de frutos do mato). Por exemplo, quando há falta de carne na aldeia e os homens individualmente não estão motivados para caçar, as mulheres podem mandar os homens caçar. Elas passam de casa em casa cantando e batendo com um bastão ou vara no assoalho da casa ou na corda da rede, se o homem estiver deitado. O canto reproduz a ordem: "Bani tohui tia dosse'onajaro" (Eu te mando buscar carne). Neste dia, existe uma forma de pressão social tal que é grande vergonha algum homem permanecer na aldeia durante o período que dura a caçada coletiva.

Este cerimonial pode se realizar também com os homens mandando as mulheres para a coleta de frutos do mato ou outras atividades próprias das mulheres. É a troca, o "manaco".

3. A TRANSMISSÃO DA CULTURA

Se na transmissão dos conhecimentos práticos do dia-a-dia ligados à sobrevivência, o papel principal pertence aos adultos do grupo, a nível ideológico (intelectual), são os velhos que desempenham o papel mais importante. Como diz Paulo Freire, acertadamente: "Há gente elitista e incompetente que pensa que nessas culturas não há teoria, nem educação sistemática. Essas culturas são eminentemente pedagógicas, no sentido mais profundo da palavra. E as histórias têm um papel pedagógico imenso." Entre os Kulina, são os velhos que transmitem para as novas gerações a história e a cultura do seu povo. As crenças, os mitos, os cantos antigos, as anedotas, as andanças, os sonhos, as esperanças passa-

das e futuras, os remédios de plantas e a religião de seus ancestrais, tudo isto faz parte do cabedal de conhecimentos que os velhos possuem e repassam aos mais novos em muitas situações diferenciadas.

Nesse contexto, as perguntas que nos colocamos são: A quem serve a educação que desenvolvemos aqui? A que tipo de interesses e projetos políticos vai servir? Qual é a nossa opção e com quem é o nosso compromisso? Contra quem estamos trabalhando?

Qualquer educação realizada por agentes da nossa sociedade se afigura como uma espécie de invasão diante das comunidades indígenas. Conforme Carlos Rodrigues Brandão, esta invasão se dá a nível cultural, simbólico e ideológico. Resumindo, é uma espécie de "violência simbólica".

Não nos iludimos. Sabemos que apesar de todo o nosso compromisso e de toda a nossa disposição de estarmos ao lado deste povo na sua luta pela sobrevivência, sempre seremos representantes de uma sociedade que os domina.

Dentro destas limitações, nos propomos a auxiliar os Kulina a compreender aos poucos como funciona a nossa sociedade e como se dá o seu confronto com a sociedade indígena. Por outro lado, procuramos entender como os Kulina já percebem este confronto e que manhas já dispõem para sobreviverem a este contato desigual.

Isso na prática se dá nas reuniões regulares no pátio central da aldeia, nas assembleias de lideranças indígenas, na convivência e nas conversas informais e, de uma forma mais organizada, na sala de aula. Aí a alfabetização é um meio de conscientização. Onde os Kulina nos ensinam o seu saber e nós colocamos à sua disposição os conhecimentos de nossa sociedade, que lhes podem ser úteis.

A convivência e o aprendizado da língua tem sido os meios privilegiados desse processo educativo que podemos chamar dialético. Para que melhor se compreenda o que estou dizendo gostaria de terminar com um texto de Paulo Freire muito pertinente: "Se eu trabalhasse nesses grupos, faria encontros fora das horas chamadas de

trabalho, numa noite de luar ou em casa fumando cachimbo. Tentaria aprender a manha do pijama (é claro que o índio não tem pijama), tentaria surpreender estas manhas na linguagem, no jogo de palavras, no uso de um advérbio ... O linguísta tem muito a fazer, para ajudar o índio, na descoberta das manhas que ele apanha na alma do discurso. Precisamos de entrar fundo no mundo dos sons, de molhar o corpo nas águas culturais do oprimido."

Rio Branco, dezembro de 1984

Lori Altmann

Bibliografia

- Altmann, Lori : Uma experiência luterana, in Igreja e Missão, Revista Missionária de Cultura e Actualidade, nº 122, out-dez/1983, Porto.
- Brandão, Carlos Rodrigues : Educação Popular - contribuição ao debate da educação do índio, in Lutar com a Palavra, Graal, Rio de Janeiro, 1982.
- Freire, Paulo : Um diálogo com Paulo Freire sobre educação indígena, in Igreja e Missão, Revista Missionária de Cultura e Actualidade, nº 122, out-dez/1983, Porto.
- Revista Educação e Sociedade, nº 3, Tema: Pedagogia do Oprimido - Educação do Colonizador, São Paulo, maio de 1979.